

**Universidade de Brasília
Instituto de Artes
Departamento de Artes Cênicas**

**Projeto Pés
Identidade e criação em artes com pessoas
com deficiência**

Iara Morais Pacheco

**Brasília
2018**

Universidade de Brasília
Instituto de Artes
Departamento de Artes Cênicas

Projeto Pés

Identidade e criação em artes com pessoas com deficiência

Trabalho de conclusão de graduação,
como requisito para obtenção do grau de
Licenciatura em Artes Cênicas.

Orientador: Rafael Augusto Tursi
Matsutacke

Brasília
2018

RESUMO

Nesse trabalho, sobre o Projeto Pés: Identidade e Criação em Arte com Pessoas com Deficiência, temos um pouco do Projeto Pés, grupo de teatro-dança, cujos integrantes são pessoas com e sem deficiência. O processo criativo do grupo envolve objetos mediadores, dinâmica entre os corpos, movimentos com músicas para a criação de danças que originam os espetáculos envolvendo a individualidade a partir do coletivo.

O trabalho apresenta as experimentações corporais, que geram movimentos estético-expressivos, vindos de todos com e sem deficiência e também o processo criativo dos espetáculos, Similitudo e o Ludo, que são grandes experiências de criação e de vivência, incluindo a individualidade cênica, ampliando horizontes de perspectivas e análise estética e poética, para os espectadores.

É a realização de um estudo de caso, sobre o Projeto Pés, por meio de entrevistas não estruturadas com o diretor sobre o Projeto, ideias e concepções. Além de acompanhar os ensaios e ter o diário de bordo, sobre os acontecimentos, minhas impressões e as palavras dos dançantes ao final de cada ensaio.

Palavras-chave: Projeto Pés; adaptação; teatro-dança; acessibilidade; inclusão; experimentações; arte-educação; pessoa com deficiência; experiência.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	6
1. PROJETO PÉS	8
1.1.Os dançantes	11
1.2.As deficiências	13
2. PROCESSO CRIATIVO	15
2.1.Objetos Mediadores	17
2.2.Movimento Expressivo.....	18
3. O PROCESSO ESPETACULAR	20
3.1.Similitudo	21
3.2.Ludo	36
CONCLUSÃO	39
REFERÊNCIAS	41

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Similitudo - O figurino- Créd. Rafael Tursi	22
Figura 2 - Similitudo - O caminhar - Créd. Lula Lopes	23
Figura 3 - Similitudo - O caminhar - Créd. Lula Lopes	23
Figura 4 - Similitudo - Pausas - Créd. Lula Lopes	24
Figura 5 - Similitudo - Rastejar - Créd. Lula Lopes	24
Figura 6 - Similitudo - O levantar - Créd. Lula Lopes	25
Figura 7 - Similitudo - O levantar - Créd. Lula Lopes	25
Figura 8 - Similitudo - Começou o dia - Créd. Lula Lopes	25
Figura 9 - Similitudo - Bolinho - Créd. Lula Lopes	25
Figura 10 e 11 - Similitudo - Bons encontros - Créd. Lula Lopes	26
Figura 12 - Similitudo - Enfrentamento - Créd. Rafael Tursi	27
Figura 13 - Similitudo - Urgência - Créd. Lula Lopes	28
Figura 14 e 15 - Similitudo - Mariposa - Créd. Lula Lopes	29
Figura 16 - Similitudo - Fila - Créd. Lula Lopes	29
Figura 17 e 18 - Similitudo - Desequilíbrios - Créd. Lula Lopes	30
Figura 19 e 20 - Similitudo - Ritmos - Créd. Lula Lopes	31
Figura 21 - Similitudo - Sai colchão - Créd. Lula Lopes	32
Figura 22 e 23 - Similitudo - Garra - Créd. Lula Lopes	33
Figura 24 e 25 - Similitudo - Padrão social - Créd. Lula Lopes	34
Figura 26 - Similitudo - FIM - Créd. Lula Lopes	35
Figura 27 - Ludo – X IFestival - acervo pessoal do grupo	39
Figura 28 - Ludo - Universidade de Brasília - acervo pessoal do grupo	39

LISTA DE TABELA

Tabela 1 - Quadro resumo de cenas	35
---	----

INTRODUÇÃO

Nesse trabalho, falo sobre o Projeto Pés, grupo cujos integrantes são pessoas com e sem deficiências, expondo a metodologia do projeto, voltado para pessoas com deficiências diversas, o como as pessoas sem deficiência integram nesse meio e o processo de duas montagens originais.

Trata-se de uma pesquisa de campo com o grupo Pés, com metodologias quantitativas, qualitativas e descritivas, sobre o trabalho desenvolvido, de agosto de 2017 a julho de 2018, onde estive como observadora nos ensaios, fazendo anotações no diário de bordo, desde os alongamentos, aquecimentos até o ensaio do espetáculo. Também entrevistei o diretor e fundador do grupo, Rafael Tursi e depoimentos dos integrantes, sobre o processo de criação e o espetáculo, disponíveis no diário de bordo no blog do Projeto Pés. Participei ativamente de algumas atividades, com objetos mediadores, como expansão de movimentos de forma a alinhar o vocabulário entre o grupo e também participei dos ensaios do Similitudo (uma das peças do grupo) para apresentação que coincidiu com o fim da minha pesquisa.

A importância desse trabalho é para a difusão e melhor conhecimento do grupo, tanto para o meu desenvolvimento, quanto para o leitor pesquisador apresentando um pouco de um grupo com pessoas com e sem deficiência que está tendo visibilidade em Brasília.

Pois, há na capital, outros grupos com integrantes com deficiência, porém com focos distintos, com pouca divulgação e por muitas vezes é trabalhado com pessoas da mesma deficiência no mesmo grupo, sem juntar diferentes deficiências (sem desfazer de qualquer grupo, pois todos têm sua importância e desenvolvimento), além de serem poucos esses grupos voltados para o trabalho com a arte, o que motivou a ideia inicial para a criação do Projeto Pés que tem o foco em mesclar pessoas com e sem deficiência, relacionado-as em um mesmo grupo.

Com suas atividades em crescimento e grande divulgação dos trabalhos dos dançantes, o grupo reconhecido, traz cada vez mais, o público de pessoas com deficiências a atividade da arte, e se desenvolvem tendo a arte como provocadora de uma melhora na autoestima, além dos desenvolvimentos psicológicos e fisioterapêuticos, ainda que de forma indireta.

Tenho como objetivo de análise a arte realizada com, por e para pessoas com e sem deficiência, para entender as atividades do grupo Pés, como reflexão sobre a prática pedagógica no Plano Nacional de Educação. Através das análises e descrições das atividades do grupo, a descrição das metodologias utilizadas pelos mesmos e a discussão do processo criativo do Projeto.

No primeiro capítulo é colocada a análise feita em campo e descrição das atividades do grupo, a partir da idealização de um Projeto com pessoas com deficiência.

No segundo capítulo é descrita a metodologia utilizada pelo Projeto que opta inicialmente por objetos mediadores como ampliador de movimentos e que volta a ser trabalhado durante o percurso do grupo para trabalhar as habilidades físicas e motoras, além de experimentar o trabalho corporal.

O terceiro capítulo, apresenta alguns dos resultados obtidos até o mês de julho de dois mil e dezoito, que levanta discussões sobre o processo criativo do Pés.

Processo que leva a identificar a identidade de cada um com e sem deficiência no espaço pedagógico e a forma com que todos direcionam a criação em teatro-dança instigada pelo orientador, que precisa buscar entendê-los, sabendo ajudá-los, a fim de criarem juntos, e essa criação ter um significado relevante, na vida de cada integrante. É além de passar conteúdo é acrescentar a cada um, a importância da arte nas suas vidas é melhorar a coordenação motora, através de atividades pontuais para tal, é fazer com que naturalmente aqueles que se sentem retraídos passem a participarem por sentirem atraídos pela metodologia, mostrando que o que parece mínimo é muito na vida de quem faz.

Dialogo com outros trabalhos que também fizeram estudo de caso, sobre o Projeto Pés, mas direcionando para outros problemas de pesquisa, como a Alessandra Terra, no texto, corpos que dançam na diversidade e na criação, que se volta para o movimento da dança, que me auxilia ao escrever sobre.

Adélia Nicolete, no texto, Criação coletiva e processo colaborativo: algumas semelhanças e diferenças no trabalho dramático me ajuda a entender qual o caminho dramático, ou o mais próximo do Projeto Pés.

A dissertação e a monografia de Rafael Tursi, Meu Corpo, Teu Corpo e Este Outro: Visitando os Processos Criativos do Projeto PÉS e A Criação do Movimento para Pessoas com Deficiência o diretor do Projeto Pés que me auxiliou muito na

compreensão do processo criativo desde o início do Pés até o momento em que o Projeto se consolidou, além dos dias atuais. Além das informações disponíveis no site oficial do Projeto Pés e as entrevistas abordando o assunto e diversos diálogos sobre as concepções, ideias, processos e procedimentos adotados e a serem adotados.

Além dos outros trabalhos que me apoiaram ao olhar o exercício prático com pessoas com deficiência.

1. PROJETO PÉS

O Projeto Pés teve início em 2011, como pesquisa do movimento expressivo com pessoas com deficiência, desenvolvido através de técnicas do teatro-dança. Foi a partir de 2009 que o projeto começa a ser idealizado, quando o diretor Rafael Tursi, recém-formado Bacharel em Artes Cênicas, pela Universidade de Brasília (UnB), com o seu trabalho sobre a criação e análise dos movimentos cênicos expressivos sob a Análise Laban¹ do Movimento (LMA), iniciou sua pesquisa na área.

A iniciativa parte da notícia de que uma amiga próxima havia sofrido um acidente de trânsito e ficado com tetraparesia (perda parcial das funções motoras dos membros superiores e inferiores). Acompanhando a recuperação da amiga, percebe que a arte poucas vezes é utilizada para a reeducação corporal e começa a pensar em possibilidades, por meio do teatro-dança. Como esse momento coincidia com sua entrada no curso de Licenciatura em Artes Cênicas, ali teve seu primeiro contato com conteúdos sobre educação especial, integração e inclusão escolar, que resultou no Projeto Pés. Tursi cita em uma das entrevistas, outro ponto que incentiva a existência do projeto, que é a falta de projetos voltados para as pessoas com deficiência, ou por vezes que não oferecem opções a este público.

A inclusão social, assim como o acesso a educação e a cultura, é direito garantido a todos pela Constituição Federal, porém, por despreparo dos professores/formadores e pela falta de infraestrutura necessária, esses direitos ficam, muitas vezes, comprometidos em todas as suas etapas. A proposta deste trabalho foi oferecer este laboratório, também, como projeto de extensão da universidade. E deu certo. Em 2011, nasce o PÉS, um Projeto de Extensão e Ação Contínua (PEAC) da Universidade de Brasília, que visa a pesquisa do trabalho corporal expressivo para pessoas de qualquer idade e com quaisquer deficiências. (TURSI, 2011, pag. 11)

É um projeto aberto à comunidade, pronto a trabalhar com a socialização e desenvolvimento da integridade dos indivíduos, com acessibilidade a informação em pesquisa. Com tantas experimentações, uma grande experiência se forma, tendo bastante material prático e teórico disponível, formando a divisão natural do grupo,

¹ Rudolf Laban, nome artístico de Rezső Keresztelő Szent János Attila Lábán, foi um dançarino, músico, coreógrafo e performático húngaro, fundador de escola e diretor de sua própria companhia de dança, escritor e teórico da Arte do Movimento.

em duas etapas. A primeira etapa do grupo, parte da pedagogia do movimento com temas do movimento Laban (consciência do corpo, adaptação a parceiros, ações básicas e fatores do movimento que são: peso, espaço, tempo e fluência); a zona de desenvolvimento proximal de Vygotsky² (avaliação funcional e a relação ponto de trabalho); a referência espacial tanto o espaço no corpo quanto o corpo no espaço e a associação induzida e livre associação de significados e a segunda etapa do processo é a alfabetização estética que reflete a criação de espetáculos.

Todo esse processo tende a buscar nos alunos os seus interesses, qual a maneira de agir e relacionar para então, saber o que e como passar para suas cenas, compondo, assim, os espetáculos.

No início do projeto, definindo a primeira etapa do grupo, aconteciam os laboratórios que eram os encontros dos extensionistas, junto aos alunos e o professor. As aulas eram organizadas, pensando em objetos mediadores (objeto utilizado visando à ampliação de movimentos e aquisição de habilidades físico-motoras) onde fariam experimentações, dinâmicas corporais e aperfeiçoariam pontos nos corpos, que poderiam ser trabalhadas, de modo a terem maiores desenvolvimentos corporais, de acordo com o limite de cada um e pensando em desenvolver algum ponto específico do corpo que necessitasse mais. Os objetos eram corda, balão, lenço, massa de modelar, pisca-pisca, chocalho, entre outros. Depois os objetos são retirados das atividades e os trabalhos das experimentações corporais permanecem. A cada exercício, era feita uma avaliação pontual, para definir quais as adaptações necessárias para o grupo.

Adaptação é uma palavra muito usada nesse meio. É a ideologia de trabalho onde, não são os alunos que devem se adaptar a metodologia, mas sim a metodologia que deve estar apta aos seus alunos, como diz Marion Welchman (s/d), *“Se uma criança não pode aprender da maneira que é ensinada, é melhor ensina-la da maneira que ela pode aprender”*.

E por pensar dessa forma, descobre-se a melhor maneira para cada um se integrar ao ambiente, onde se encontram naquele determinado momento, que a meu ver, é exatamente por esse motivo, que eles mostram que se sentem tão bem e dão depoimentos sobre o projeto nas suas vidas. “Ao executar movimentos, percebe-se que emergem sensações, imagens e memórias que realimentam o movimento,

² Lev Vygotsky formou-se em Direito, História e Literatura, tendo também desenvolvido grandes estudos na área da Psicologia.

gerando, assim, um ciclo de ações e opções para uma aplicação consciente posteriormente”. (NEVES apud TURSI 2014, p.25).

Depois dos primeiros anos de trabalho e a criação do primeiro espetáculo, entra a segunda etapa em que o Projeto Pés se identificou mais profundamente, que é a parte estética do teatro-dança, onde trabalha a presença cênica, orientação espacial no palco, foco de olhar e relação palco-plateia ou ator-expectador. Que é onde parte a fruição da experimentação do movimento em grupo.

De acordo com o diretor Tursi, o Pés têm como proposta a educação corporal, que ajuda a pessoa com deficiência a experimentar e se sentir capaz de executar movimentos artísticos cênico-dançantes, que não tem como obrigação resultar em movimentos complexos, mas sim resultados cheios de significados, como Roges expõe no blog no Pés, exatamente sobre trabalhar uma parte do corpo que não está habituado, os pés, que é para ele, sair da zona de conforto, “[...] Foi quando a Laysa propôs trabalharmos com os pés. Força e agilidade nos braços eu tenho, com isso quase não tenho dificuldade. Sair da zona de conforto pra mim foi isso, trabalhar uma parte do corpo que não trabalho no dia a dia [...]”. Tursi chama de poesia corporal, esse trabalho que se constrói a partir dos corpos em cena, como Yuri, participante do grupo, divulga no blog do Pés, sobre a sua sensação em relação a esse trabalho dos corpos em cena, “[...] Deixar o corpo tão leve que nada te prende ao chão. Flutuar. Cabeça nas nuvens e pés firmes no chão. Equilíbrio.”

Um ponto a destacar na criação do projeto é que Rafael imaginava o grupo com o foco de reeducação corporal e reabilitação, e com a ideia de que deveria entender tudo (ou muito) sobre determinadas deficiências. Porém foi entendendo, aos poucos, que não era sua área esse ponto, mas que seu intuito era entender um pouco de algumas deficiências.

Rafael Augusto Tursi Matsutacke é ator e produtor cultural, desde 1998 no estado de São Paulo. Em 2004 continua na área, porém, em Brasília, com alguns espetáculos universitários e comerciais. Atualmente, é diretor da produtora cultural Casa de Produção e faz parte dos grupos Cia dos Homens, grupo de pesquisa teatral sobre o teatro gestual, dirigido por Graça Veloso; e do Projeto Pés, grupo de teatro-dança para pessoas com deficiência, onde atua como coordenador e diretor. Mestre em Arte Contemporânea formado em 2014, licenciado em 2011 e bacharel em 2008 em Artes Cênicas pela Universidade de Brasília.

Nos primeiros quatro anos do projeto, quando iniciaram com os espetáculos, Tursi era o "faz tudo" do grupo, pois ele assumia a área da encenação, até por que a questão financeira não permitia contratar profissionais.

Outra questão foi perceber que o grupo não estava preparado, para lidar com os diversos corpos e se sentia mais seguro, estando no máximo possível de cenas, para dar apoio. Em 2016, uma nova configuração do grupo Pés recria o espetáculo, 'Klepsydra' primeiro espetáculo do grupo, de 2011, então, percebendo o elenco mais capacitado e confiante, ele sai da cena, assumindo a sua função de direção e técnico.

Foi bastante significativo o desenvolvimento do Projeto Pés. Atualmente, diversas atividades são realizadas: as aulas, apresentações de cenas, espetáculos, palestras, trabalhos de conclusão de cursos, participações em eventos nacionais e internacionais. É, ganhador dos prêmios de Melhor Trabalho Nacional de Educação Inclusiva e Melhor Trabalho Nacional de Cultura e Lazer para Pessoas com Deficiência, emitidos pelo último Congresso Nacional de Diversidade e Inclusão (CONADI) em 2012, no estado de São Paulo. Em 2017, estiveram na Argentina, em Bariloche, no Festival Arte por Igual convidado pelo evento á representar o Brasil com a apresentação Similitudo e uma oficina voltada para grupos com pessoas com deficiências e premiado pelo Prêmio Cultural e Cidadania – Arte Inclusiva em 2018.

1.1. Os dançantes

Todos esses prêmios se devem, aos dançantes, que agora apresento, para conhecê-los e entender como se dá essa aplicação. Com a livre autorização de todos os envolvidos para citar seus nomes quando necessário, creditar o potencial, independente das limitações e informo que não tive a intenção de expô-los, sobrepondo suas deficiências.

Os dez integrantes com deficiência do projeto neste momento são:

- ✚ Fernanda Medeiros (Nanda), de 29 anos, com dificuldade de fala, tetraparesia e paralisia cerebral média, é cadeirante mas tem sustentação do quadril para andar com uma pessoa de apoio, dificuldades com a movimentação corporal, rigidez nos músculos, movimentos involuntários, problema de coordenação motora e fala comprometida;

- ✚ Kelly Vanessa, de 43 anos, áfona, com tetraparesia e com paralisia cerebral grave (se mantém deitada em sua cadeira de rodas e possui pequenos retardos cognitivos), se movimenta muito pouco e rigidez muscular;
- ✚ Laura Pádua, de 18 anos, apresentando transtorno global de desenvolvimento (TGD), intelectual afetado e fala não desenvolvida;
- ✚ Marina Anchises, de 29 anos é cadeirante, com dificuldade de fala e paralisia cerebral média, tem dificuldades com movimentos corporais e rigidez muscular, não caminha, com movimentos involuntários e espasmáticos e tem a fala comprometida;
- ✚ Monise Pessoa, de 22 anos, com deficiência múltipla envolvendo hemiparesia (interrupção parcial dos movimentos de um dos lados do corpo), deficiência intelectual e paralisia cerebral leve, ou seja, parte do corpo afetado caracterizado pela rigidez e fraqueza dos músculos do seu lado direito, cognitivos bastante afetados. Tudo que é agitado a move a fazer, a repetição dos movimentos exagerados faz com que ela os faça por repetidas vezes;
- ✚ Thainá Souza (Tatá), de 25 anos, com Síndrome de Kabuki, causando deficiência intelectual leve, dificuldade de aprendizagem e baixo tônus muscular, alterando a coordenação motora;
- ✚ Gabriela Ramthum (Gabi) tem 23 anos com síndrome de Dandy Walker, tem dificuldade para andar, movimentação muscular afetada, fala comprometida e a cabeça um pouco maior na parte de trás;
- ✚ Roges Moraes, com 23 anos é cadeirante e com tetraparesia, as pernas são afetadas pela rigidez e fraqueza muscular, porém com movimentos fortes e ágeis nos braços;
- ✚ Samuel Diniz com 26 anos, com deficiência física chamada osteocondromatose múltipla (nos membros superiores e inferiores) e atrofia dos nervos caminhando com dificuldade e é visível a má formação dos ossos;
- ✚ Lucas Rezende com 24 anos, tem a síndrome de Willians, utiliza com intensidade a expressão facial, contatos visuais e gestos em sua comunicação, demasiados, devido à síndrome observa-se “fácies típicas”, tem uma memória muito boa, é agitado, com comportamento muito sociável e

comunicativo, embora, sendo possível observar picos de quietudes em seu comportamento.

As participantes Marina, Kelly, Monise e Thainá fizeram parte de outro grupo de dança de Brasília, antes do Pés, chamado Asas para Dançar. Marina ainda teve experiência com o grupo de teatro da Faculdade Católica, Com-Vivências, Kelly e Monise, participaram do Fashion Inclusivo que é um projeto de Brasília a trabalhar com desfiles de moda com pessoas com deficiência, no qual Gabi faz parte até os dias de hoje. Evidenciando a ausência de projetos suficiente para pessoas com deficiência, pois muitas vezes participam das mesmas ações.

E também os dançantes que são extensionistas da Universidade, a Ana Balata, Laysa Gladstone, Mari Lotti, Tath Braz, Natalia Mendonça e eu Iara Moraes Pacheco como alunas do departamento de Artes Cênicas e Leilane Peres (Lei), formada em Terapia Ocupacional, Vinicius Barros (Vini), Fisioterapeuta, Elenice Ramthum (Elê) mãe da Gabriela, Thais Cordeiro, formada em Dança, e o diretor e coordenador geral Rafael Tursi.

Junto temos o apoio das mães: Aira Pessoa, Ângela Barros, Cláudia Pádua, Cláudio Garcia, Cristina Cardoso, João Araújo, Joselito Amorim, Marcy Mariz, Mário Balthar, Nilma Resende e Simone Souza, que auxiliam seus filhos com o transporte até os ensaios, ajudam nas ações para arrecadar fundos para o grupo e comparecem sempre que necessário.

1.2. As deficiências

É considerada deficiência, “toda perda ou anormalidade de uma estrutura ou função psicológica, fisiológica ou anatômica que gere incapacidade para o desempenho de atividade, dentro do padrão considerado normal para o ser humano” (Decreto 3.298 da Presidência da República, 1999).

Art. 2º Cabe aos órgãos e às entidades do Poder Público assegurar à pessoa portadora de deficiência o pleno exercício de seus direitos básicos, inclusive dos direitos à educação, à saúde, ao trabalho, ao desporto, ao turismo, ao lazer, à previdência social, à assistência social, ao transporte, à edificação pública, à habitação, à cultura, ao amparo à infância e à maternidade, e de outros que, decorrentes da Constituição e das leis, propiciem seu bem-estar pessoal, social e econômico. (Decreto 3.298 da Presidência da República, 1999).

Está prevista por lei a substituição e adaptação dos espaços públicos para as pessoas com deficiência. Nos sinais de trânsito devem existir sinais sonoros, para garantir a segurança da travessia das pessoas com deficiência visual, o acesso, através de rampas ou elevadores para as pessoas que têm dificuldade de locomoção, assim como espaços para cadeiras de rodas e para pessoas obesas em teatros, estádios, cinemas, transportes públicos. O que nem todos os lugares oferecem.

As deficiências podem ser físicas (membros superiores e/ou inferiores braços e pernas); intelectuais (processos cognitivos de aprendizagem e memorização), sensoriais (os sentidos sensoriais do corpo) ou múltiplas (duas ou mais das anteriores).

A expressão correta é pessoa com deficiência, seja ela qual for. O termo especial refere-se apenas na área de processo de educação, chamando então pessoa com necessidade educacional especial, a expressão portadora de necessidade especial não é a melhor forma de falar, pois eles não portam coisa alguma, se assim fosse significaria que quando quisessem poderiam deportá-la que não é essa a condição da pessoa com deficiência. O termo foi definido pela Convenção das Nações Unidas sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência, apresentada pela ONU em 2006 e aprovada e ratificada pelo Brasil em 2008.

Também foi instituída pelas Nações Unidas desde 1998, o Dia Internacional das Pessoas com Deficiência, comemorada dia 03 de dezembro com o intuito de promover maior entendimento do assunto, mobilizar a defesa da dignidade dos direitos e bem estar das pessoas, conscientizar os benefícios trazidos pela integração das pessoas com deficiência em todos os aspectos de vida, sejam, culturais, sociais, políticos ou econômicos. Pensando na socialização, uma forma de ajudar a pessoa com deficiência nessa adaptação é trabalhar as capacidades físicas e sensoriais, pois assim é uma forma de fazê-los sentirem parte do ambiente com segurança e autoconfiança. As palavras *capacidade* e *importância* são fundamentais para todos nós.

São indivíduos ativos que veem o mundo com outros sentidos e outras formas, formando imagens e sendo capazes de viverem naturalmente, desde que garantidas às condições de acessibilidade que devem ser asseguradas para todos/as.

2. O PROCESSO CRIATIVO

O processo criativo é o momento de experimentar e improvisar possibilidades para cenas futuras, de acordo com Alessandra Terra (pag. 87), as atividades e propostas perpassam por experimentações que se apresentaram como construções realizadas no dançar.

Nos processos de improvisação, não há pré ou pós-determinação de espaços ou movimentos. Isso não quer dizer que não haja intenção, consciência, recorte, escolha nos processos de improvisação, muito pelo contrário, mas eles não se dão a priori, nem a posterior, eles se dão durante o processo do dançar (MARQUES, apud MATOS 2013, p.86).

O processo de criação do Pés, se deu, por exercícios propostos pelo diretor, durante os laboratórios, primeiro, por meio dos materiais mediadores, depois por meio do movimento voltado para a expressão corporal, sem objetos, com improvisações, fazendo experimentações e investigando possibilidades de construção.

De acordo com o diretor, a base do trabalho Pés, está nos pontos de estratégia de criação e associação induzida (propor exercícios com determinados focos e ideias, pensadas pelo orientador) e livre associação de significado (de acordo com o entendimento do exercício proposto, então cada um, trabalha essas atividades de acordo com suas experiências e limites). De acordo com Tursi, 2014 (pag. 58) após firmar uma demanda com maior carga horária de trabalho, iniciou o primeiro espetáculo do Projeto, com trabalhos de expressão cênica, levando em consideração a dança cotidiana e pessoal, que surgiu através de leituras, ações espaciais, escrita e processo de autoconhecimento, pensando que a partir das orientações, surgisse um conceito estético vindo de cada um.

O trabalho é feito sob a Análise do Movimento de Laban, que prevê o peso do movimento (que pode ser pesado ou leve) o espaço, seja o corpo no espaço, ou o espaço no corpo (até aonde meu corpo alcança, se expande e como preencher o espaço com o meu corpo) e gerar movimentos cotidianos em cena, repeti-los com

precisão, então, a ideia de estudar a sua aplicação na educação física, de pessoas com deficiência, através da expressão corporal.

De acordo com as observações, em sala, do processo que é repetitivo e se assim não for, dificulta para os dançantes, e das entrevistas, com o Tursi, entendo que a vida das pessoas com deficiência, pede a rotina, para poder fazer sentido e assim continuarem a fazerem as ações determinadas, sem bloqueios e recordarem de cada detalhe. Assim, como nos aquecimentos, as cenas quando são definidas, deve-se permanecer e continuar repetindo até fazer parte do dia a dia de ensaios.

Muitas vezes as demandas impulsionam cenas, como algumas do espetáculo Similitudo, principalmente as que chamamos de cena ou elemento de ligação, que é exatamente ligar uma cena a outra, de forma que chegue ao objetivo, para assim ter um espetáculo completo e não esquetes (algumas cenas curtas desmembradas).

Esse processo se dá através de experimentações em sala de aula, com diversos exercícios propostos por Tursi, o processo que começa de experimentações básicas, para avançadas, voltadas para o teatro-dança.

O básico é a relação com o objeto, o que de início é um trabalho prático e um caminho mais leve, para iniciar com as pessoas que não tem experiência na área de teatro, e poderem criar relações, com algo que é guiada pela própria pessoa, e que não define se sua ação está certa ou errada.

As aulas iniciam com aquecimentos, que se tornaram uma rotina, utilizando da mesma base de exercícios, para que todos consigam fazer, lembrando-se de trabalhar todas as articulações, o equilíbrio, a coordenação motora, a força, a agilidade, a observação à relação de movimento, a pausa, pensando também nas cenas que trabalham todas as partes do corpo, mesmo que em algum momento alguém conseguirá fazer pouco ou quase nada, com o intuito de que cada um faça no seu limite.

Os trabalhos do Projeto Pés remete bastante, aos conceitos da Pina Bausch³ antecessora de Rudolf Von Laban, onde se convergem nos trabalhos individuais e também grupais, prezando pelo processo interacional ou colaborativo das criações de espetáculos, prioriza o humano, o ser de cada um do grupo e seus desejos em

³ O nome de Pina Bausch é associado diretamente à sua condição de criadora da “Dança-Teatro” contemporânea, representada pela fundação e direção da sua companhia Wuppertal Tanztheater, desde 1973, na cidade de Wuppertal, na Alemanha.

cena, que são sutis, reais e por vezes confusos é divertido e emocionante, assim como a vida. São tipos de espetáculos, que não fazem julgamentos, que chama o público para reflexões, identificações e para críticas.

2.1. Objetos Mediadores

O objeto aqui estudado é a coisa material, que pode ser percebida pelos sentidos. Explorado de forma a ajudar na reabilitação corporal e auxiliar na formação de movimentações que futuramente possam ser usadas em cena ou na vida cotidiana.

Mediador é o cargo que determinado indivíduo ou objeto executa como intermédio entre duas partes distintas. Tem o papel de intervir na comunicação entre as partes convergentes com o objetivo de chegar a um acordo ou conciliação.

No grupo, o objeto é o sentido, trabalhado também de forma fisioterapeuta, que se estende para os movimentos corporais estéticos, exercícios orientados e sempre acompanhados de músicas.

Agora, anos depois, voltam a trabalhar com os objetos mediadores, pensando em alinhar todos os dançantes, com uma única forma de experimentação, um único começo de experiências, experimentos criativos para enriquecer o vocabulário criativo. A primeira questão é: O que de objeto irei utilizar novamente que ainda pode ser útil esteticamente? Tursi me mostrou um exemplo claro: A massa de modelar tem como foco trabalhar a coordenação motora fina, por que as alunas com paralisia cerebral têm as mãos tensionadas. Esse é um processo importante a trabalhar com os iniciantes que se identificam. Depois de muito trabalho feito e um resultado positivo, não há por que voltar nesse elemento, no momento atual não é algo mais de interesse do diretor nem das integrantes, que são as mesmas que já fizeram esses exercícios com a massa de modelar e quando a recebem já tem outro foco de objeto. Marina participou das etapas trabalhadas com objetos e comenta sobre o uso da corda em um dos experimentos:

[...] pude perceber a minha evolução. Agora eu consigo segurar a corda com as duas mãos, passa-la de uma mão para a outra, entrelaça-la nas pernas e nos braços, passá-la por de trás da minha cabeça. Ah e o mais importante de tudo isso, sem ajuda de ninguém!!!!!! E quando fomos trabalhar em duplas, não deixei a corda cair nenhuma vez.. Isso me fez acreditar que posso melhorar ainda mais [...] (sic) (Diário de Bordo virtual do Projeto Pés, 2018.)

A maioria dos objetos trabalhados são bolas, balões, cordas, fitas crepe no chão, tecidos longos, pisca-piscas e chocalho, exercícios de sensibilização, com o jogo da venda nos olhos e objetos espalhados ao chão, como obstáculos e um vidente. A finalidade do uso dos objetos para o Projeto Pés é voltado a identificar possibilidades de movimentos e desenvolver habilidades, como crescimento na vida pessoal e futuramente serem usadas no processo criativo de espetáculos.

2.2. Movimento Expressivo

Ainda no início da trajetória do grupo, com algum tempo de processo onde todos já se conheciam e se sentiam a vontade uns com os outros, tira-se os objetos das atividades e começa o trabalho de expressão corporal, acompanhada de músicas e orientações, dada pelo diretor.

Partindo desse conceito, presenciei a retomada do foco ao trabalho físico, para que os dançantes recentes adquirissem vocabulários similares ao resto do grupo, tendo referência ao processo criativo e para quem já fez serve como exercício de relembrar o trabalho da expressão corporal em cena.

Então, com música começa o exercício que trabalha com toques, o maior objetivo é focar nas mãos, momento que se estende há aproximadamente uma hora com o mesmo trabalho, feito primeiro individualmente e em seguida juntam-se duplas, ou seja, todo e qualquer toque é mão com mão, até boa parte do grupo, ter passado um pelo outro, exercitando a repetição da expressão, com as mãos e explorando as possibilidades.

Em outro encontro o mesmo acontece, porém, o foco passa a serem os braços, com música e em uma roda, onde ao comando, trocam as duplas, danças com os braços acontecem.

Além de trabalhar a musculatura das mãos e braços é feito o exercício de exploração dos movimentos, surgindo possibilidades que podem ir para cena. É ter a concentração para seguir um ritmo, experimentar com o outro até aonde vão os movimentos, envolver olhares (não foi colocado que deveria, mas com o tempo, surgem relatos, que se torna necessário o olhar um para o outro) e sem problema combinar com sua dupla, o que quer fazer de movimentação a ideia é explorar o

membro. É um grupo que tem grande diversidade de corpos, diversificando nos movimentos propostos.

Outra parte importante desse processo é ouvir de cada participante, o que sentem durante os processos, como o corpo e a mente agem em relação ao grupo. Além da roda de conversa no fim dos ensaios, cada dia, um dançante fica responsável por escrever, no blog do Projeto Pés. Assim como Laysa, escreve, sobre participar pela primeira vez desse processo:

[...] quando começamos a experimentar, tanto individualmente quanto em duplas. Voltamos a ser criança, e dos movimentos mais “bobos” aos mais “sofisticados” descobrimos.

Redescobrimos

O velho

O novo

A junção dos dois

A criança e o adulto

O brincalhão e o culto

O resto deixa pra depois

Sem certo e errado Superamos o esperado

Com o(s) PÉ(S) com a mão

Quando juntos, tudo tem paixão.

(Diário de bordo virtual do Projeto Pés 2018).

3. O PROCESSO ESPETÁCULAR

Em meados de 2011, durante os laboratórios realizados no projeto, que neste momento se utilizavam de objetos lúdicos como massa de modelar, balão, cordas e chocalhos, entre outros, para identificação dos movimentos dos alunos e a pesquisa de um novo (ou maior) repertório de movimentos expressivos identificados pelos mesmos, percebe-se neles (em nós) um interesse e até ansiedade pela busca de um objeto final de apresentação daquelas aulas. Ainda que fosse apenas uma cena e até sem público. E assim foi. Preparamos uma cena a partir de uma das aulas e nos apresentamos em sala. Arruma-se o que se quer; apresenta-se novamente; arrumam-se outras coisas; uma nova apresentação e agora com rostos satisfeitos. Em grupo, achamos que era momento de um terceiro olhar, uma plateia, ainda que somente os pais e mães. E assim foi. Aparecia uma primeira cena de trabalho e um grande contentamento por parte de todo o grupo. Nascia com isso o interesse de mais 'terceiros olhares', de mais plateias e aí, uma nova palavra ao nosso vocabulário de encontros e laboratórios: os ensaios. (Projeto Pés, site oficial, 2017).

Então, no consenso entre o grupo, inicia a etapa de espetáculos com os desdobramentos pessoais e junção de criações que surgiram da vontade dos dançantes e do diretor, tendo como resultado as apresentações públicas e assim sempre tendo a vontade e foco para mais e mais espetáculos. Como escreveu Elenice, junto com Gabi, no blog do Projeto:

[...] Agora era trabalho. Muito exercício, manuseio de materiais, conhecimento do próprio corpo, interação com o outro. Movimento sozinho, em dupla e em grupo. Enfim, surge uma cena. Começava o Similitudo, o primeiro espetáculo do Pés que participamos [...] (blog do Projeto Pés, 2018).

Para esta análise, estudei os processos que presenciei junto ao grupo, de agosto de 2017 a julho de 2018. Neste momento, pude participar da remontagem do Similitudo, que me integrei às cenas em grupo e em 2018 cenas em duplas também, vivendo esse momento do trabalho em conjunto no teatro-dança. Criada em 2015, por uma configuração do Pés, Similitudo foi adaptado em 2017 e 2018, com alguns novos integrantes. E o Ludo que também é uma remontagem, foi estreado em 2016, sendo adaptada em 2017, com novos integrantes.

3.1. Similitudo

O grupo Pés, já tinha repertório, dois espetáculos, Klepsydra, primeiro espetáculo do grupo, estreado em 2011 e Grão(s), estreado em 2013. Em 2014, pensando em um próximo espetáculo, foram experimentadas diversas propostas, chegando à decisão de que os elementos força e esforço cotidiano seriam parte da temática a serem trabalhadas, para concluir a trilogia a cerca do elemento “tempo”, junto aos outros dois espetáculos anteriores.

Como os outros processos do Projeto, o Similitudo foi um processo colaborativo, fruto de exercícios, jogos, improvisações que eram propostos em sala de aula, pelos aquecimentos e movimentos que as atividades e os integrantes propiciavam. De acordo com ⁴Adelia Nicolete, o processo colaborativo foca na produção em sala de aula, sem um pré-texto teatral, baseado em improvisações, jogos e exercícios, através de temas propostos, no processo colaborativo, quando escrito o resultado final é assinado pelo dramaturgo/organizador autoral, porém todo o grupo é responsável pela criação, sendo cada um com sua função, ainda assim dá opiniões em todas as áreas, também por esse motivo, no final de todos os ensaios é feita uma roda de conversa com os dançantes, para discussões, acertos, ideias, opiniões de forma que todos são ouvidos, sobre o processo.

A origem da palavra, similitude do latim Similitudo, quer dizer, que é similar semelhante a algo, e de acordo com o espetáculo é similar à vida cotidiana.

O figurino do espetáculo foi pensado no cotidiano, de forma que remetesse a algo mais formal, relacionado ao trabalho, sem parecer novo e sim envelhecido, sem pensar em fazer referência a qualquer época, por isso, as escolhas de tons pastéis, frios, palha, dando uma ideia retrô, lembra o diretor Rafael Tursi.

Aqui descrevo a peça a partir da minha análise do espetáculo, citando os nomes dos dançantes⁵, que participaram dessa versão, as músicas e a iluminação, além das ações. A versão aqui escolhida é do espetáculo que aconteceu no CCBB –

⁴ Adélia Nicolete é dramaturga e roteirista, licenciada em Artes Cênicas, é especialista em Educação e mestranda em Teoria e História do Teatro pela ECA/USP.

⁵ Nas outras versões, apresentações feitas antes e depois dessa escolhida, tiveram participações de outros integrantes, são eles: Thais Cordeiro, Barbara Lemos, Gorete Neves, Júlia Maia, Monica Gaspar, Yuri Costa, Audrey Neves, Danielle Cruz, Jaqueline Lima e Rafael Tursi, Amanda Carvalho, Natália Ferraz, Laís Lopes, Laura Pires e Marcos Viegas.

Centro Cultural do Banco do Brasil e as fotos na sua maioria do fotógrafo Lula Lopes que esteve no dia do evento SENTIR - 2º Mostra de Arte Sensorial e Inclusiva.



Figura 1 – Similitudo – O figurino– Credito: Rafael Tursi

Durante a organização das cenas, criam cenas paralelas (cenas de significados semelhantes a feitas em outros espetáculos) que se encaixam na temática. O teatro-dança é um gênero de espetáculo que está acompanhado de referências musicais, nesse caso, músicas originais. Com grande variação sonora para serem criadas marcações de cena, para maior associação do grupo, trabalho feito por Glauco Maciel sonoplasta do departamento de Artes Cênicas na Universidade de Brasília, composto também por algumas músicas de Hauschka (pianista e compositor alemã) e Deolinda (grupo de música popular portuguesa).

Como diz o diretor Tursi à peça já começa começada. Somente o primeiro espectador que entra no teatro vê toda a peça. O que pode fazer com quem entra depois, pensar que já perdeu muito do espetáculo, quando na verdade só esta sendo repetida a mesma cena desde o início, porém, os espectadores jamais iram saber disso, dessa forma para induzir a ideia de rotina, que é o significado da peça.

Na primeira cena, “o caminhar”, entra a música Stratovisky de Glauco, o palco vazio, iluminação azul e branca, fumaça em todo o espaço e relógios pendurados ao teto. Laysa atravessa o palco, lentamente, saindo de cena deixando-o vazio novamente. Ela entra mais uma vez, com uma bolsa na mão, deixa novamente o palco vazio e muita fumaça, de novo Laysa atravessa o palco, dessa vez com um guarda-chuva na mão, depois o mesmo, mas com um chapéu, e sempre entrando com um objeto cotidiano diferente, somando em média doze entradas no palco, enquanto toda a plateia entra.



Fig. 2 – Similitudo – O caminhar – Credito: Lula Lopes



Fig. 3 – Similitudo – O caminhar – Credito: Lula Lopes

Enquanto a primeira cena acontece o público se acomoda no teatro. Depois de todos sentados, e as portas fechadas, um toque suave da música, serve como marcação para a segunda cena, “pausas”, aos poucos os outros dançantes entram no palco, escolhem um lugar no espaço de frente para a plateia e ficam parados por um tempo (combinam de contar no máximo até doze segundos em mente) fazendo nada, depois seguem a caminhada até chegar do outro lado do palco. As cadeirantes foram levadas da mesma forma e paradas no espaço, depois, outro, após o seu momento de parada, segue levando uma cadeira até o outro lado do palco. Uns saem e outros entram, sem deixar o palco vazio ou cheio demais. A música acaba e o silêncio predomina por alguns segundos, tempo para quem ainda estiver no palco sair de cena. Blackout.

Cena pensada de forma a apresentar os dançantes. A dramaturgia são os não lugares que é aonde vai para fazer nada ou simplesmente esperar, de acordo com a realidade de cada um, seja na parada de ônibus ou em uma fila de banco, por exemplo.

Duas cenas com o seguinte pensamento: Primeiro pensa o que fará e o que usar em mais um dia. Segue aquele momento do nada penso, ou nada faço, por que logo me levanto e preciso de forças para o dia.



Fig. 4 – Pausas – Similitudo – Credito: Lula Lopes

A terceira cena começa, quando a música Cansaço de Glauco começa (que são varias músicas em uma só, para diversas cenas), luzes brancas formam três corredores onde os dançantes atravessam o palco, rastejando de diversas formas. Um toque suave na música, serve para que Lucas entre rastejando até o centro do palco e pare deitado de barriga para cima, ao término das travessias, troca a melodia da canção.

Cena idealizada na aula, como uma experiência de saírem das cadeiras de rodas, a melhor forma de se locomoverem no espaço, de uma forma técnica. Na dramaturgia tornou-se a cena do “rastejar”, cada um no seu tempo e da sua forma atravessa o palco no chão. Que remete ao acordar, o despertar pela manhã.



Fig. 5 – Similitudo – Rastejar – Créditos: Lula Lopes

Na quarta cena, “O despertar”, um foco de luz branca sobre Lucas, que senta e deita, por algumas vezes, de acordo com a canção, quando troca a melodia (sinal

para troca de ação) ele vai se levantando, até ficar de pé, aos poucos ergue os braços até tocar as palmas das mãos (marca para que todos do grupo entrem em cena).



Fig. 6 – Similitudo - O levantar - Créd.: Lula Lopes



Fig. 7 – Similitudo– O levantar – Crédito: Jemima Tavares

Na quinta cena, a iluminação é uma luz branca em todo o palco, com alguns focos amarelos, todos os dançantes entram em cena, andam na velocidade rápida, e em várias direções. Ainda na mesma música todos se juntam ao centro do palco, aonde será formado um foco de luz branca.

Nessa cena, “começou o dia”, e todos andam pelo espaço o mais rápido e longe possível, que tecnicamente surgiu para andarem de forma a se distribuírem no espaço. Para em seguida, fazem o oposto, que é dramaturgicamente o traslado até seu destino, que pode remeter ao ônibus lotado ou no carro, com trânsito engarrafado, por exemplo, formando o bolinho de pessoas no centro do palco.



Figuras 8 - Similitudo – Começou o dia –
Crédito: Lula Lopes



Figuras 9 - Similitudo – Bolinho – Crédito:
Lula Lopes

A música acabando e todo o grupo se espalha, saindo do palco, com a ideia de que cada um chegou ao seu destino, ficando ao palco duas dançantes, Nath e Tath.

Na sequência, temos três cenas de encontros diferentes, são aqueles bons encontros, que te fazem bem, aqueles, com os enfrentamentos, que as pessoas fazem sempre umas com as outras e a produção, que são aqueles encontros que rendem boas conversas, boas diversões.

A mesma canção, porém muda a melodia, dando início à sexta cena, “bons momentos”, a dupla dança saindo do foco da iluminação branca, enquanto, outras luzes de cores amarelas se acendem, formando um foco maior, entre as duas cores. Dançam com proximidade, movimentos suaves, que refletem a calma do momento, como um bom encontro, idealizada do lidar com parceiros nesse momento.

Primeiro as duas no palco Nath e Tath, nesse momento sem ninguém com deficiência, que mostra o grupo homogêneo, homens, mulheres com ou sem deficiência.



Fig. 10 – Similitudo – Bons encontros – Créd. – Lula Lopes



Fig. 11 – Similitudo – Bons encontros - Crédito: Rafael Tursi

Com a sétima cena, “Pressão”, as duas saem de cena e entra Vinny e Laysa, formando uma nova dupla no palco, correm de um lado a outro, para frente e para trás, enquanto a iluminação agrega o amarelo, iluminando todo o espaço.

A dramatização são algumas possíveis facetas de uma pessoa, o mesmo que um enfrentar e o outro fugir, eles correm pelo espaço pensando no atacar e no fugir um do outro, fazendo esses movimentos pensando em direções diferentes, correm

em direção ao fundo e frente palco, nas diagonais e de um lado ao outro (explorando o espaço), sempre com o mesmo objetivo, enfrentar e fugir, tendo o revezamento entre eles.



Fig. 12 – Similitudo – enfrentamento – Crédito: Lula Lopes

Na oitava cena, “Urgência”, Laysa sai de cena e entra Nanda com sua cadeira de rodas, o branco da iluminação tornam-se pequenos focos, junto aos focos de luzes azuis. Vinny corre em círculo pelo palco empurrando Nanda na sua cadeira, de acordo com a calmaria e finalização da canção, eles começam a andar e param na lateral do palco, Nanda sai da cadeira e juntos dançam com um foco branco de luz. Voltam para a cadeira de rodas e se apoiam, observando os dançantes que entram para a cena seguinte.

A dramaturgia da cena mostra que a vida pede “urgência” em alguns momentos, que sejamos úteis e produtivos, apesar do cansaço depois. Enquanto estereótipos, a pessoa com deficiência não é capaz de produzir, mas na cena a cadeirante Nanda e o Vinny sem nenhuma deficiência, correm juntos fazendo essa representação e mostrando que em alguns momentos precisamos, no geral, de auxílio, que alguém esteja junto, para nos apoiar. E no descanso dessa produtividade eles dançam juntos.



Figura 13 – Similitudo – Urgência – Crédito: Lula Lopes

Para iniciar a nona cena, “mariposa”, uma luz branca forma um foco do lado direito do palco e junto começa a música, Passou por mim e sorriu, do grupo Deolinda, enquanto no restante do palco vai formando focos de luzes vermelhos e lilás, entra Roges no foco branco, e do outro lado entra Laysa para encontra-lo, dançam juntos até o centro/frente palco, fumaça se espalha e o foco branco os acompanha. Alguns minutos depois, de acordo com a marcação da música, alguns dançantes entram se posicionam atrás da dupla que já está dançando e ficam parados, logo entram os outros dançantes, para formarem duplas e assim dançarem juntos.

Tem como objetivo transparecer leveza, idealizada de encontros com duplas, em movimentos sutis, chamada cena da mariposa, por causa do refrão da música que é tocada nesse momento, exatamente sentir-se como uma mariposa. Qualidade de movimento por Laban – cena leve, espaços indiretos e lentos é a referência dessa cena.



Fig. 14 – Similitudo – Mariposa – Créditos: Lula Lopes



Fig.15 – Similitudo – Mariposa – Créditos: Lula Lopes

A música vai chegando ao fim, todos vão formando uma fila de frente para a plateia, uma luz branca os realça, formando um corredor. A música muda à melodia, como sinal, para todos saírem, ficando apenas Kelly no palco. A frente da fila entra Leilane para encontra-la. Momento de “contraste” que dramatiza os desequilíbrios/oposições, pois ela faz ao contrário, para ir de encontro a alguém que ficou lá atrás.



Figura 16 – similitudo – Fila– Lula Lopes

A décima cena, “os desequilíbrios”, uma luz branca e fraca permanece no ambiente, as duas fazem suas sequências de movimentos. Leilane pega Kelly nos braços corre e para, explorando o espaço frente e trás e as lateralidades, vão finalizando e saindo do palco, Leilane empurra com os pés a cadeira, enquanto carrega Kelly nos braços.

Aqui simboliza a turbulência que devemos encarar mesmo ela tentando nos derrubar, ver os desafios e ir contra o fluxo se necessário e o objetivo é se manter de pé. Cena pensada em como esses corpos iram mostrar resistência, firmeza e força. Tonos firmes, a face avermelhada mostrando força e os olhares são diretos, olhar intenso de uma para a outra e cada movimento dos braços e pernas, com objetividade “vai com vontade”. É como querer manter o equilíbrio e o dia te puxar. As duas medem esforços que mostram os pontos que citei acima, depois Leilane pega Kelly nos braços e corre pelo palco trabalhando o “não caírem”.



Fig. 17 - Similitudo - Desequilíbrio - Crédito: Lula Lopes Fig. 18 - Similitudo - Desequilíbrio - Crédito: Lula Lopes

Na décima primeira cena, silêncio e luzes por todo palco, entra Roges empurrando o colchão e para no centro, da uma cambalhota deitando no colchão, descansa por alguns segundos e sai pelo o outro lado do palco, enquanto a música Paddington de Hauscka começa a tocar, junto com a entrada de Ana com Mari e Tatá com Nanda. As duas cadeirantes vão para o colchão, enquanto Ana e Tatá pegam as cadeiras e saem de cena, Mari e Nanda, dançam sobre focos de luzes brancas. As outras duas dançantes entram e saem do palco, sentadas nas cadeiras de rodas, fazendo movimentos ritmados, mecânicos, o sistema de produção, a linearidade presente nas duas duplas, e permanecem assim ao redor do colchão, e saem de cena.

Sobre a cena da Mari e da Nanda, ao conversar com um espectador, Atila Ferreira de Sousa, agente de aeroporto, ele comenta:

[...] Em uma cena que duas pessoas que usam cadeira de rodas, entram no palco, sem cadeira de rodas, e começam a dançar, brincar, sorrir, se divertir, se ajudar ... Esta cena deixa bem claro a proposta do grupo, de divulgar valores e mostrar que apesar das dificuldades, todos somos

capazes de qualquer coisa. E a cena foi muito incrível! Ao contrario do que o mundo prega sobre pessoas com deficiência, que tudo pra eles são limitados [...] (informação verbal, 2017)⁶

A décima segunda cena, “ritmadas”, foi ideia da Marina, que idealizou em sair da cadeira de rodas junto com a Nanda, para fazerem uma sequência de movimentos, mas a Marina relatou incômodo com o contato direto com o chão, por que estava machucando. Então como material mediador surgiu algo, que fez a cena permanecer, mas sem machucar. O colchão. Mas como fazer esse colchão entrar em cena de uma forma poética? Várias ideias dos integrantes surgiram até chegarem à conclusão da cena de ligação, onde o Roges cadeirante, deixa sua cadeira e empurra o colchão até o centro do palco, o que lhe causou muito cansaço e o diretor aproveitou para pedi-lo que descansasse, e pronta a cena de ligação.



Figura 19 – Similitudo - Ritmos - Crédito: Lula Lopes



Figura 20 - Similitudo – Ritmos – Crédito: Lula Lopes

Em seguida a décima terceira cena, entra Lucas para empurrar o colchão, com intuito de tirá-lo de cena, mas não consegue, depois somente o Yuri vai com o mesmo objetivo que também não consegue, então, Laysa também tenta, sem sucesso. Logo, os três, vão juntos e conseguem empurrar o colchão para fora do palco. Eles voltam correndo, param no centro do palco, suspiram de cansaço e saem de cena.

Então como tirar o colchão? Outra cena de ligação, que alguém deu a ideia de empurrá-lo, porém ao testar, o colchão não saiu do lugar com apenas um empurrando, então tentaram dois e o mesmo resultado e ao tentarem três pessoas empurrando, o colchão deslizou saindo de cena. Mas a ideia do tentar uma pessoa,

⁶ Entrevista informal realizada aleatoriamente com um expectador após espetáculo em novembro de 2017.

depois outra e depois uma terceira, quando perceberam que os três seriam melhores, funcionou esteticamente e deu a dramaturgia da cena, que são aquelas coisas que você não consegue fazer sozinho e a gentileza de ajudarem faz termos bons resultados.



Figura 21 – Similitudo – Saí colchão – Crédito: Lula Lopes

Inicia outra música de Glauco chamada Corridas e vários pequenos focos de luzes entram e saem em velocidade rápida, enquanto os dançantes correm de um lado a outro do palco, alguns desistem no meio do caminho e volta correndo de costas para logo correr de novo e chegar do outro lado.

Essa é a décima quarta cena, chamamos de corridas, ela liga a cena da saída do colchão, com a do tecido, que surgiu de um exercício do grupo. A dramaturgia mostra pressa, aquele momento em que tem que ser feito agora por que daqui a pouco não dá mais tempo. Que é a fuga dos encontros, aleatoriamente em linha reta os dançantes correm até o ponto final, outros param no meio do caminho e voltam de costas com o sentimento de depressão, com peso e a culpa de não terem conseguido chegar, mas correm novamente e chegam do outro lado do palco, nos seus objetivos.

Na décima quinta cena, sai da corrida Samuel, para no centro do palco, a música troca para Antigon de Glauco, Vinny com Yuri entram com um tecido grande a sua frente, as luzes vermelhas tomam conta da cena, no momento em que Samuel empurra o pano com o corpo, o rosto aparece de forma mais clara no tecido, onde

ele faz grandes expressões e empurra o corpo contra o grande pano branco, segurado pela dupla que logo o enrola nesse tecido.

Nesse momento, no lado direito/frente palco, entra Ana, dançando no ritmo da música, com forma rígida, porém feitas, com efeitos, leves nos movimentos, enquanto Samuel tenta se desenrolar do pano, mostrando esforço na movimentação. Ele se solta e vai saindo do palco, olhando Ana, que ficou dançando.

Essa cena, que chamo de “garra”, tem a dramaturgia de gerar inconscientemente força e mostrar as possibilidades da pessoa com deficiência no trabalho mais pesado. E surgem duas pessoas sem deficiência que não usa a força. Dois pontos que apresenta ao contrário dos estereótipos. Samuel entra em conflito com um tecido grande onde duas pessoas segura-o, mas sem a ideia de forçar o pano para o Samuel ter o que reagir, mas sim, ele utiliza do seu corpo para fazer formas no pano, aparentando força, garra e Yuri junto com o Vinny, apenas seguram o tecido de forma a manter resistente. Na marcação da música é enrolado pelo pano como feito no exercício, agora é o tempo de Samuel, enquanto passa a música, se desenrolar e sair do palco.



Figura 22 - Similitudo – Garra - Crédito: Lula Lopes



Figura 23 - Similitudo – Garra - Crédito: Lula Lopes

A música muda para Sweet spring come de Hauscka e Ana ainda dançando, mas agora suas expressões corporais, mudam para o novo ritmo tocado, pensadas de formas mais suaves, leves. Entra Elê e para Ana, enquanto mais alguém entra e para em qualquer posição, Elê ao se direcionar a essa outra pessoa faz com que, Ana volte a dançar e Elê retorna com o objetivo de para-lá e isso se repete mais uma vez. Aleatoriamente as pessoas entram e se posicionam de várias formas,

deixando o espaço cheio de dançantes dispersos, ou melhor, cada um a vontade nas suas paradas de pensamentos.

Na décima sexta e última cena, a Elê tem o objetivo de deixá-los padrões, organizados para frente, de forma a moldar e padronizar a sociedade, espalhados o máximo possível no espaço do palco até o fim da música. Idealizada de mais um exercício corporal e organicidade da cena, com inspiração na cena *Café Muller* de Pina Bauch, fazendo o mesmo movimento repetidas vezes, além de começar devagar e ir acelerando a cena. Por fim todos ficam organizados de frente para a plateia e parados, ela já cansada para e se posiciona da mesma forma. Fim da música, ao som de uma máquina de ponto, simbolizando o fim do dia, todos abaixam as cabeças junto ao blackout.



Fig. 24 – Similitudo – Padrão Social- Créd: Lula Lopes Fig. 25. – Similitudo – Padrão Social- Créd: Lula Lopes

Fim do espetáculo, aplausos da plateia, algumas palavras do diretor, abre para comentários e perguntas dos espectadores. Sobre esse momento, Gabi diz, (escrito no blog do Pés), sobre como se sente com os aplausos e a finalização do espetáculo, [...] *"Como eu sou uma atriz de verdade. Sinto muito feliz! É bom!"* [...] (Diário de bordo virtual do Projeto Pés).

E Lucas também expõe, no blog, como se sente após a apresentação, [...] *depois da apresentação eu fiz minha apresentação está completo eu sinto muito feliz fazendo bom trabalho conquistando as pessoas, tendo mais forças pra melhorar cada vez mais.* (sic) (Diário de bordo virtual do Projeto Pés).



Figura 26 - Similitudo - FIM - Créd. Lula Lopes

A tabela abaixo resume as cenas e como cada elemento, interfere de forma a auxiliar cada dançante. Destaca a forma que ajuda para trocas de cenas, sendo nesse processo, uma forma eficiente. Pode ser através das marcações sonoras, pelo final das músicas, ou ainda saída de uma música e entrada da outra logo na sequência, uma marca coreográfica e através de elementos ou cenas coreográficas.

CENA	Marca sonora	Final da música	Marca coreográfica	Elemento de Ligação	Cena de ligação
Caminhada da Laysa	X				
Pausas		X			
Rastejar		X			
O levantar	X		X		
Caminhadas	X				
Bom momento			X		
Pressão	X				
Urgência		X Concomitante		X Observação dos dois dançantes	
Mariposa		X Concomitante		X Fila	
Desequilíbrio			X		

Entrada colchão			X		X
Maquina			X		
Saída colchão			X		X
Corrida			X		X
Garra		X Concomitante		X Dançante lateral/frente palco	
Padrão Social	X		X		

Tabela 1 – Similitudo- Quadro resumo de cenas

- ❖ A marca sonora é a inserção de um som destoante, desarmônico com a música, a fim de explicitar o momento de entrada e saída da cena.
- ❖ O final da música é quando acaba a música, gerando o silêncio para a próxima cena ou a inserção concomitante das músicas (enquanto uma música vai saindo de cena outra vai entrando no seu espaço). E nesse caso, criamos para tal, um elemento de transição, caracterizada por uma ação dos dançantes.
- ❖ Marca coreográfica, quando a troca é feita a partir de ações uns dos outros.
- ❖ O elemento de ligação é uma ação do dançante, que servirá como um 'sinal', para a próxima sequência, ou simplesmente uma observação ou algo diferenciado naquele momento específico da cena.
- ❖ E por último a cena de ligação, criadas a longo do processo, para justificar algumas entradas e saídas de elementos em cena, como o colchão e tecido.

3.2. LUDO: Experiência de Encontro e Improviso

Ludo vem da palavra lúdica, que é a brincadeira com saberes, experiências para a vida pessoal e profissional, com intuito de interagir e intervir no meio social de forma prazerosa, contextualizada e significativa.

O espetáculo é um experimento de encontro e improviso, entre o Projeto Pés, a Camerata Musical Îlandé Ensemble e a plateia. Três grupos que não se viram ou se envolveram, antes do momento da apresentação.

Assim foi feito um espetáculo criado para trabalhar improvisação no palco. O roteiro é que todos do Projeto Pés e os músicos do landé Ensemble explorem o espaço em caminhadas individuais, cada um no seu tempo buscando preencher os espaços vazios da sala, percebendo o seu corpo, sem interação. Depois começa o contato, apenas com trocas de olhares, que devem ser explorados. Em seguida adiciona um simples toque, seja ele mudar alguém de direção, encostar-se no outro, mas que além do olhar, tenha uma breve aproximação.

A próxima etapa da caminhada exige, o olhar e o toque, porém esse toque no outro pode ser mais demorado, um experimento, toquem as mãos ou outras partes do corpo, buscando explorar e fazerem movimentos diversos em duplas. Acrescenta um pouco mais de tempo em cada dupla, e em algum momento alguém, de fora, fala para trocar, se necessário for, pode ser que cada dupla sinta o fim e volta à caminhada até encontrar outro parceiro que inicia um novo olhar e novos movimentos a dois.

Então, os músicos começam a sair do espaço da caminhada, aos poucos, e assumirem seus instrumentos, começando a fazerem sons aleatórios. Os integrantes do Pés, aos poucos vão saindo também, e forma-se uma roda onde, uma dupla por vez entra (pensando na dinâmica de um sai outro fica, mas logo em seguida, alguém tem que assumir o lugar de quem saiu, ou pode acontecer de um terceiro entrar, então um dos que estão no centro, sai) e seguem a ideia anterior, mas cada dupla nesse momento é única no espaço, que fazem movimentos diversos e podem explorar o espaço da roda, interferindo nos níveis, trabalhando a atenção e o foco, além, da estética do teatro-dança por meio do improviso. A dança no centro da roda acontece entre dançantes do Pés, entre Pés e músicos e entre Pés, músicos e público.

Tudo começou quando Tursi estava ministrando uma disciplina de Interpretação Teatral um, no departamento de artes cênicas, em 2016, onde integrava alunos da música que lançavam diversas ideias no trabalho com a interpretação, que o fez pensar em algo para juntar e criar com o Pés. Analisando o questionamento que muitos fazem nas entrevistas: O que é mais difícil, no grupo

com pessoas com deficiência? Então, uma peça que, em algum momento, integre o público, colocando-o junto com a pessoa com deficiência no palco, que ela então dançará e saberá que o mais difícil é o tentar, o arriscar, mas basta dançar e ter cuidado.

Surge o interesse pela música ao vivo, no improviso do Pés, com canções diferentes, onde os instrumentos, não se conversem harmonicamente tendo esse estranhamento de sons, a associação foi feita de acordo com os integrantes do Pés, pois (não que deve ser tudo no padrão) muitos não conseguem seguir o ritmo de uma canção, então a música e ao vivo segue o ritmo de todos, que é algo livre, sons independentes. Onde a música pode levar os dançantes a alguma direção ou os dançantes direcionar os sons através dos movimentos.

O objetivo era realmente a improvisação, os grupos não se conheciam e o único encontro, antes da apresentação, foi um ensaio no dia do espetáculo. Antes disso, apenas um músico, foi ao ensaio do Pés e assistiu ao grupo. O espetáculo, então aconteceu e depois surgirem outras apresentações.

Na cena, o encontro de ambos os processos de criação, com um breve momento para se encontrarem e levantarem questões para juntarem as vontades previstas para a improvisação. Como diz o diretor, Tursi “*Nem tudo que foi acordado está em cena; Nem tudo o que vai para uma cena está acordado*”. (site do Projeto Pés).

Esse espetáculo tem o momento de interação do espectador que acontece depois de um longo tempo de demonstração, onde os dançantes escolhem alguém para dançar com ele ou com um terceiro da roda do Pés.

É um momento em que mostramos que é possível a dança com todos os corpos, visando à pessoa com deficiência, logo o difícil é tentar já a disposição a errar e aprender torna tudo mais fácil. Devemos ter cuidado e não medo.



Figura 27 - LUDO - acervo pessoal do grupo – X IFESTIVAL



Figura 28 - LUDO – acervo pessoal do grupo - UnB

Considerações Finais

Trata-se de um trabalho com a história de um grupo artístico, com pessoas com deficiências distintas e pessoas sem deficiência explícita e a interação de ambos através do trabalho do teatro-dança que o Projeto Pés propicia.

O quanto à interação é importante para entendermos que as limitações não são bloqueios para o envolvimento, mas sim, momentos de relação para compreender os limites e saber lidar com ambos os corpos, pois todos e cada um têm uma deficiência.

Percebo o grupo quanto uma companhia. É um elenco, com um diretor e os dançantes, não necessariamente dançarinos ou atores, mas são artistas. É um projeto avançado que já desenvolveu grandes atividades e que interfere diretamente na vida de cada um do grupo, para uma visão de igualdade.

As atividades do Projeto Pés, grupo que trabalha artisticamente com intuito de reabilitação corporal, de forma que possam ser mais independentes. O trabalho com exercícios corporais explorando os movimentos expressivos é de grande riqueza para o desenvolvimento físico, motor, a qualidade de vida e também psicologicamente.

De acordo com o Plano Nacional de Educação é determinadas metas estruturantes, para a garantia do direito a educação também inclusiva, mas por muitas vezes os profissionais não estão preparados para receberem as pessoas com deficiência que pedem atenção diferenciada, sim algumas escolas possuem as salas de recursos, mas ficar dependente desse espaço e não conseguir de fato incluir os alunos e saber lidar, desfaz da intenção de inclusão.

O Projeto Pés é um espaço exatamente que inclui, onde aprendi a ouvir e entender, lugar no qual me descobri e passei a compreender melhor o que é a deficiência e como podemos e devemos tratar todos igualmente, livres de preconceitos. Certamente quando estiver na sala de aula, não será uma surpresa pra mim quanto educadora, estarei mais preparada.

Foi possível acompanhar aos ensaios nas terças e quintas-feiras, com o diário de bordo e absorver o máximo dos ensaios e das conversas do grupo no final de cada dia trabalhado, além de aproveitar a monografia e dissertação do diretor do

grupo e para maior enriquecimento da minha pesquisa as entrevistas informais que foram possíveis por diversas vezes com o diretor Rafael Tursi.

Que também me fez entender que a metodologia do grupo é voltada para o melhor desenvolvimento físico dos integrantes, possibilitando maior controle do corpo tanto para o teatro-dança quanto para a vida pessoal.

E o processo criativo, que é todo o processo do grupo, englobando as atividades propostas pelo orientador, para melhores habilidades físicas e motoras, trabalhos que envolvam todo o corpo, exercícios como as improvisações, os jogos e experimentos cênicos. Os espetáculos são processos colaborativos, formações que partem de cada integrante, sempre utilizando da relação um com o outro. E estruturado pelo diretor.

De um modo geral, os resultados demonstram a capacidade de todos para fazerem atividades fora do habitual, como teatro-dança de forma a se sentirem bem consigo, sentem-se admirados por verem o público aplaudindo de pé ao fim de cada espetáculo, além de trabalharem a parte física e mental de uma forma “livre” e se disporem a criarem de acordo com cada realidade.

O próximo espetáculo já está em formação, tendo iniciado com ideias de temas proposto pelo diretor Tursi, que se encaixam nos exercícios corporais propostos em sala, exercícios de movimentação corporal, propositalmente para formação de cenas. E diferente dos espetáculos anteriores, me coloco a disposição para integrar às cenas e fazer parte do espetáculo, meu papel até aqui foi de observadora e substituta de papéis algumas vezes, o que acrescentou bastante o meu conhecimento. Permanecerei no Projeto Pés, com o objetivo de me capacitar nas áreas de teatro-dança e no ensino com pessoas com deficiência.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRAFICAS

Decreto nº3298 de Dezembro de 1999. *Política nacional para a integração da pessoa portadora de deficiência*. Subchefia para Assuntos Jurídicos [da] Presidência da República. Brasília, DF, 20 dez. 1999.

FERREIRA, Eliana Lúcia. Dança em cadeira de rodas: os sentidos dos movimentos na dança como linguagem não verbal; (1.:2002 : Campinas, SP)

FIGUEIRA, Emílio – 1969 - A presença da pessoa com deficiência visual nas artes – Documentário original publicado pela REDE SACI em 2003. 1 edição. – Emílio Figueira, Projeto eBooks, São Paulo, 2009.

_____. Emílio – 1969 – A PESSOA COM DEFICIÊNCIA DIALOGANDO COM A ARTE – Dos fatos históricos à educação escolar, rumo ao mercado de trabalho. Emilio Figueira. – São Paulo : Edição do Autor/AgBook, 2012.

FUX, Maria. Dança terapia: [tradução de Beatriz A. Cannabrava] – S.P.: Summer, 1988.

LUDO: Experiência de Encontros e Improvisação. Direção: Rafael Tursi. Espetáculo teatral. Brasília: Projeto PÉS, 2016.

NEVES, Neide. Klaus Vianna: estudos para uma dramaturgia corporal. São Paulo: Cortez, 2008.

NICOLLETE, Adélia (2002). Criação coletiva e processo colaborativo: algumas semelhanças e diferenças no trabalho dramático. Sala Preta, 2, 318-325. <<https://doi.org/10.11606/issn.2238-3867.v2i0p318-325>>

RENGEL, Lenira. Dicionário Laban / Lenira Rengel - São Paulo : Annablume, 2003.

PROJETO PÉS. *Diário de bordo virtual do Projeto PÉS? – teatro-dança para pessoas com deficiência*. 2012. Disponível na internet via <<https://www.projetopes.com/blog>>

_____. *Site Oficial do Projeto PÉS? – teatro-dança para pessoas com deficiência*. 2012. Disponível na internet via <<https://www.projetopes.com/quem-somos>>

SIMILITUDO: Direção: Rafael Tursi. Espetáculo teatral. Brasília: Projeto PÉS, 2015.

TERRA, Alessandra- *Corpos que dançam na diversidade e na criação – Alessandra Matos Terra – 2013*.

TURSI, Rafael. *Meu Corpo, Teu Corpo e Este Outro: Visitando os Processos Criativos do Projeto PÉS*. 2014. 125 f., il. Dissertação (Mestrado em Arte) – Universidade de Brasília, Brasília, 2014.

TURSI, Rafael. *PÉS?: A Criação do Movimento Expressivo para Pessoas com Deficiência*. 2011. 42 f., il. Monografia (Licenciatura em Artes Cênicas) – Universidade de Brasília, Brasília, 2011.